

**A INFLUÊNCIA DA ESCOLHA DO MÍDIUM
PARA A CRIAÇÃO DE NOVOS GÊNEROS TEXTUAIS,
SEGUNDO A VISÃO DE DOMINIQUE MAINGUENEAU**

Roberta Kerr dos Santos (UERJ)
roberta_kerr@hotmail.com

1. Introdução

Esta leitura comentada objetiva apresentar a visão de uma das maiores autoridades mundiais no âmbito da linguística da enunciação e da análise do discurso: Dominique Maingueneau, em seu livro *Análise de Textos de Comunicação*, especificamente do capítulo “Mídiun e Discurso”.

Trata de assuntos importantes que impactam de forma significativa a definição do gênero textual. Lembrando que “Já se tornou trivial a ideia de que os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social”, segundo conceituação do linguista brasileiro Luiz Antônio Marcuschi (2007). E, através da evolução desta sociedade, é importante perceber os possíveis impactos gerados pela escolha da manifestação material e seu entendimento pragmático, de acordo com o contexto do discurso.

A partir da apreensão das proposições e pontos de vista do autor, enumeradas através de exemplos práticos e úteis para os devidos esclarecimentos do conteúdo estudado, serão citadas as ideias fundamentais presentes na obra, entre outros comentários pertinentes para a assimilação deste tema indispensável para a área de Letras e para o ensino da língua portuguesa em sala de aula.

2. Mídiun e discurso

Segundo Maingueneau, que assim afirma de forma incisiva, o suporte material não é acessório. Esclarecendo o conceito de mídiun, trata-se do modo de manifestação material do enunciado, a escolha do suporte e seu modo de difusão, seja ele emitido através da oralidade, texto em jornal ou através de uma página na internet.

Afirma o autor sobre a escolha do mídiun, que “ele imprime um certo aspecto a seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer”, do qual inferimos que a completude do sentido do enunciado tam-

bém perpassa pelo material que o enunciador escolhe e utiliza para se expressar. O suporte não é somente um “meio” pelo qual o discurso é emitido, afinal, o discurso será por ele influenciado e modificado. Desta forma, citamos mais uma frase de Maingueneau que ratifica essa ideia: “O modo de transporte e de recepção do enunciado condiciona a própria constituição do texto, modela o gênero de discurso”.

É importante contextualizar a evolução que o mídiu atravessa na medida em que a nossa sociedade se modifica e as tecnologias materiais de modernizam. Esse dispositivo comunicacional possibilita novas opções e abrangências na comunicação em qualquer âmbito. O exemplo utilizado pelo autor compara duas situações de uso em épocas históricas distintas, nas quais percebemos a existência de um novo gênero propiciado também pelas novas condições tecnológicas.

Consideremos o caso de uma reunião eleitoral na França do século XIX. Ela se realiza num salão de festas, na sala reservada de um café ou na praça de um vilarejo. Os participantes saíam de casa para ouvir o candidato com quem possuem algo em comum: ele é da mesma cidade ou da mesma região, ou então, situa-se ideologicamente próximo deles. Esse candidato é um orador que deve falar em voz alta, pois não há microfone; em tal condição, não se cogita em sussurrar ou em desenvolver argumentos complicados: o importante é unificar imaginariamente um grupo reunido intencionalmente.

Algumas décadas mais tarde, um político que faz sua campanha pela rádio poderá falar com voz suave, amigável, dirigir-se individualmente a cada ouvinte. O mídiu radiofônico permite à fala introduzir-se na casa de qualquer pessoa, surpreendendo-a em sua intimidade familiar. O locutor não pode mais contar com a cumplicidade do auditório, visto que será ouvido por todos – amigos, inimigos ou indiferentes – e que seus ouvintes não precisaram se deslocar para ouvi-lo. O público não é mais constituído por uma comunidade de ouvintes voluntários que se apresentam como um grupo frente a um orador, mas por ouvintes dispersos e sem rosto, em relação aos quais já não é possível apresentar-se como “orador”.

Em resumo, a partir de épocas e possibilidades comunicacionais propiciadas pela evolução tecnológica – na primeira campanha não há microfone e já na segunda o político utiliza o rádio –, os gêneros discursivos são nitidamente diferenciados pelo: tom de voz (falar alto X sussurrar), conhecimento do coenunciador (está presente e possuem a mesma ideologia X está ausente e pode ser qualquer pessoa), intimidade estabelecida (fala para o grupo com o qual possui algo em comum X fala individualmente a cada ouvinte, de forma familiar), argumentação (argumentos mais simples X argumentos mais elaborados) etc.

Apesar de possuírem o mesmo fim – campanha política –, são realizados através de gêneros que se modificaram através dos tempos. Citando Maingueneau: “Não que os antigos gêneros de discurso desapareceram, mas são marginalizados”.

O autor também cita a dicotomia mais antiga entre as categorias midiológicas: o texto oral (transmitido através de ondas sonoras) e o texto escrito (signos inscritos em um suporte sólido), lembrando que nela permanecem paradigmas que precisam ser desconstruídos. Como primeiro tópico relativo a esta questão, citamos o senso comum: “as palavras voam, os escritos permanecem”. Esta consideração é um equívoco, visto que, a determinação de que um enunciado é estável ou instável está na verdade relacionada à sua inscrição em formas que garantam a sua preservação:

Existem gêneros de discursos orais (máximas, ditados, aforismos, lemas, canções, fórmulas religiosas etc.) nos quais os enunciados, embora orais, cristalizaram-se por se destinarem a ser indefinidamente repetidos. Em sociedades tradicionais existia mesmo toda uma literatura oral de grande estabilidade.

A publicidade também possui papel fundamental na veiculação de *slogans* e criação de *jingles* que permanecem na memória coletiva, fixada pela repetição constante, além de um trabalho apurado na elaboração através de coerções poéticas. São inúmeros os exemplos, como “Coca-cola é isso aí”, “Melhoral, Melhoral, é melhor e não faz mal”. Neste último, por exemplo, através de pesquisa realizada na internet, não há nenhum registro de propaganda textual desta frase, ou seja, se ela permanece na lembrança das pessoas ainda atualmente, é porque se deu de forma impressionantemente marcante através da memorização de uma mídia exclusivamente oral. Conclui-se que as palavras podem sim permanecer.

Outro ponto que corrobora com a estabilidade da oralidade está relacionado à possibilidade da gravação. Gravação, portanto, de certa forma, sinônimo de escritura. Uma situação de uso que exemplifica bem essa questão está na veiculação através da mídia televisiva para um grande número de pessoas, em qualquer contexto, tudo o que for enunciado precisará ser elaborado com cautela, já que existe um necessário e involuntário comprometimento com os telespectadores a respeito de tudo o que se torna público, ou seja, ao que se diz. Trata-se de um registro, que poderá ser reproduzido ou utilizado posteriormente também para fins de argumentação – a favor ou contra – ao que foi emitido.

Tratemos da interferência ao gênero pela presença do coenunciador. Para os enunciados dirigidos a um público presente no mesmo ambi-

ente, define-se enunciado dependente. Para o enunciado diferido – ou independente –, concebe-se que o enunciador está em outro ambiente.

Caracteriza-se o enunciado dependente do ambiente a partir de características comumente presenciadas em textos deste cunho, sendo elas: indicadores não verbais acompanhando a fala; elipses quando um objeto está presente no ambiente; inúmeros embreantes; modalizações, fórmulas fáticas; construções deslocadas; sintaxe com subordinação; justaposição sem conjunções. Na caracterização dos enunciados independentes temos basicamente textos autossuficientes, com referências intratextuais.

Essa conceituação é importante para sabermos como os gêneros podem ser trabalhados. Da mesma forma que rompemos os pressupostos dos textos orais e escritos, também perceberemos que podemos utilizar certas características dentro do contexto oposto, a citar: enunciado escrito de estilo falado e enunciado oral de estilo escrito.

O exemplo apresentado por Maingueneau:

Que reunião! Esses cafés da manhã de negócios, todos aqueles croissants, aqueles pãozinhos, era tanta tentação que não pude resistir... Mas eu vou dar um jeito nisso. Ao meio-dia, vou reagir. Um encontro com a boa forma: somente WEEK-END e eu. Práticos, esses saquinhos que a gente carrega aonde vai. Sabor de baunilha ou de legumes, meus quilinhos a mais vão logo desaparecer. Os intervalos para a boa forma WEEK-END e seus cardápios equilibrados, isso conta muito na agenda de uma gulosa.

Aparentemente como uma declaração verbal, de cunho pessoal mais intimista, com características do enunciado dependente do ambiente, identificado através do uso de demonstrativos e construções deslocadas à esquerda (“esses cafés da manhã... era tanta tentação”), surpreende por tratar-se de um texto escrito, ou seja, um enunciado diferido, porém elaborado na publicidade impressa com o objetivo de alcançar familiaridade com o coenunciador, como se ele estivesse ali mesmo presente. Para atingir este objetivo, lança mão de usos não esperados no gênero deste tipo de propaganda de forma criativa e eficaz.

Para exemplificar a situação oposta, de um enunciado oral com estilo escrito, o autor cita a comunicação científica, oral, na qual o coenunciador não é considerado apesar de presenciar a enunciação. É uma fala elaborada, refletida e que não intui respostas do auditório. Com base nestas características, assemelha-se a um texto escrito, que se basta por si só, independente do ambiente onde se concretiza.

Além da dualidade escrito X oral, o autor inclui a importância de conhecermos melhor as especificidades do texto impresso. Segundo os pontos mais relevantes citados por Maingueneau, no texto oral: o discurso reage imediatamente à interferência do coenunciador e este toma conhecimento do texto aos poucos. Já o texto escrito: não é uma mera representação do oral, pode circular longe de sua origem, deve ser estruturado para tornar-se compreensível, o coenunciador faz uma leitura pessoal (passível de análises) e pode ser reproduzido, estocado, classificado. Por último, o texto impresso: acentua os efeitos da escritura, propicia maior autonomia aos leitores, é um objeto inalterado e fechado e abstrai o texto da comunicação direta, de pessoa a pessoa.

Mais um item apresentado na obra nos traz revelações sobre a espacialidade do texto, ou seja, a possibilidade do texto explorar a ideia de difundir sentido ao ocupar um “certo espaço material”. Segundo palavras emitidas pelo autor: “A espacialidade do escrito e do impresso permite também que lhes associemos 16 elementos *icônicos* variados (esquemas, desenhos, gravuras, fotos etc.) e um *paratexto*”. Por “paratexto” podemos definir como sendo os enunciados contíguos ao texto propriamente dito, presentes em prefácios, capa, contracapa, títulos, rodapé etc. Afinal, “todo texto constitui em si mesmo uma imagem, uma superfície exposta ao olhar”.

Para finalizar esta exposição, o último item tratado neste capítulo envolve os “dispositivos comunicacionais novos”, numa visão vanguardista, já que reflete as novas possibilidades oriundas da evolução da sociedade e dos meios tecnológicos. Enumerando vários deles, citados por Maingueneau: novas formas de oralidade, contato virtual entre enunciadador e coenunciador, número ilimitado de destinatários, caráter estático ou não (mobilidade), possibilidade de interromper o coenunciador, terceiro invisível, leitura consumível através de gravação, enunciados orais via máquinas e hipertexto.

3. Conclusão

Após a apreensão dos pareceres de Dominique acerca da influência do suporte material para a definição dos gêneros textuais, podemos concluir sobre a sua importância, principalmente no que concerne às novas linguagens advindas dos modernos recursos tecnológicos. Quebrar paradigmas como a dualidade entre texto oral e escrito, assim como perceber as diferentes propostas dos gêneros em relação à presença do coe-

nunciador nas práticas sociais é imprescindível para melhor entendimento do estudo proposto, que é de grande interesse para o aprendizado e aprimoramento dos usos linguísticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.